

Acolhimento, Integração e Memória:

“Gostaria que os europeus em geral estivessem tão abertos a receber como os portugueses fizeram connosco, crianças de países em guerra... [...]. Acho que hoje em dia seria difícil encontrar esse tipo de bondade, de prontidão para abrir os braços, e as famílias, e a casa, e o seu ser, a crianças de uma cultura estranha, de um país estranho, de circunstâncias estranhas, e é uma pena. É uma pena que nós, como humanidade, não tenhamos progredido neste sentido... [...] É claro que um sentido de humanidade exigiria que os recebéssemos.”

[Hannelore Martinovsky (22/03/2017),



Crianças austríacas à chegada a Lisboa, a 16 de abril de 1948

Imagem cedida pelo ANTT

“Em 1943, ainda antes de a II Guerra Mundial chegar ao fim, e tendo em vista a dissolução da Sociedade das Nações, a preocupação dos países aliados com as movimentações de pessoas na Europa levou a um acordo para a criação daquela que seria a Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento (ANUAR)” (ARSP)

“Quando a guerra terminou, em 1945, 30 milhões de pessoas, entre as quais soldados, não queriam ou não podiam voltar a casa devido a alterações nas fronteiras dos seus países de origem.” (ARSP)

“Na Alemanha e na Áustria a ANUAR partilhou a responsabilidade da gestão de deslocados e refugiados de guerra com a Organização Internacional de Refugiados (OIR), cujos estatutos foram aprovados pela Assembleia Geral da (entretanto criada) Organização das Nações Unidas (ONU), em 1946, sendo maioritariamente financiada pelas potências ocidentais aliadas (EUA, Reino Unido e França)” (ARSP)

“A constituição da OIR deu um passo em frente relativamente à definição daqueles a quem destinava proteção – «vítimas de regimes nazis, fascistas ou similares; vítimas de perseguição por questões de raça, religião, nacionalidade ou opinião política; refugiados de longa duração» – permitindo incluir na definição dissidentes políticos da Europa Oriental e judeus que permaneciam na Alemanha e na Áustria” (ARSP)

“O Exército Norte-Americano promoveria o transporte de 10 mil crianças austríacas para a Suíça, país que, entre associações várias e Cruz Vermelha Suíça (CRS-SAE), receberia um total de mais de 150 mil crianças entre os 5 e os 10 anos, até meados de 1948” (ARSP)

“Vários outros transportes se haviam realizado já durante o conflito mundial, criando as condições estruturais necessárias para uma resposta rápida no pós-guerra.

Cronologia

1936

Alemanha e Itália assinam um tratado de cooperação: Eixo Roma-Berlim.

1938

A Alemanha incorpora a Áustria - *Anchluss*.

1939

Alemanha e União Soviética assinam pacto de não-agressão – o Pacto Ribbentrop-Molotov
A Alemanha invade a Polónia em 1º de setembro: início da Segunda Guerra Mundial.

1940

A Alemanha ataca a Europa Ocidental – França e os Países Baixos neutros.

1941

Alemanha invade a União Soviética
O Japão bombardeia a base naval norte-americana de Pearl Harbor (**dezembro**)
EUA declaram guerra ao Japão e entram na 2ª Guerra Mundial.

1942

Conta ataque da União Soviética.

1943 (novembro)

Países Aliados criam a Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento (ANUAR).

1944

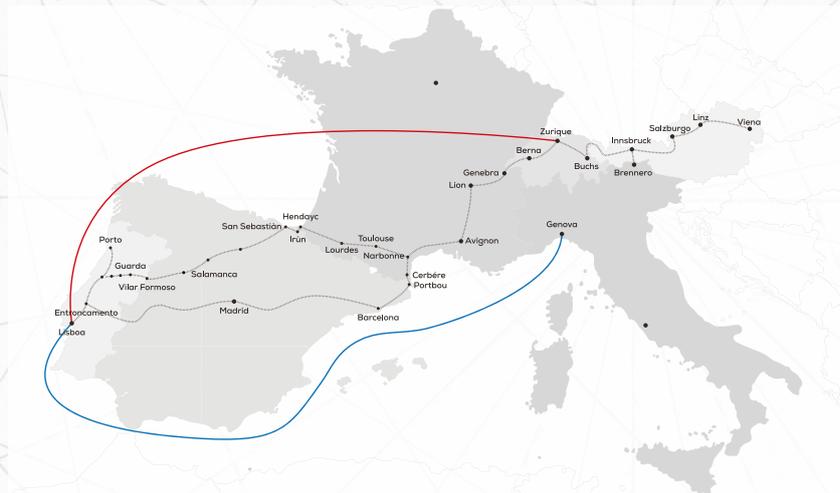
Tropas aliadas: libertam Roma; Desembarcam na Normandia; Chegam a Paris.

1945

Cerco a Berlim. Rendição da Alemanha.
Bombas atômicas sobre Hiroxima e Nagasaki.
Rendição do Japão.

1946 (abril)

Criação da Organização Internacional de Refugiados (OIR) para solucionar o problema dos refugiados criado pela Segunda Guerra Mundial.



Avião Navio Comboio

Rotas dos diferentes transportes de crianças Caritas entre a Áustria e Portugal

Curiosamente, países de origem de crianças acolhidas na Suíça (entre os quais se contam França, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Checoslováquia, Grécia e Espanha) eram, à mesma época, também países de acolhimento de crianças austríacas” (ARSP)

“Seria em resposta ao apelo do Papa Pio XII, pedindo aos católicos que cuidassem dos “irmãos mais pequeninos”, que Fernanda Ivens Ferraz Jardim se veria impelida a criar a União de Caridade Portuguesa, em 1946. Ambicionando promover, no seu país, o acolhimento de crianças afetadas pelas agruras da guerra, e encontrando entraves à concretização do seu projeto no seio da Cruz Vermelha, onde trabalhava como secretária, a fundadora conectaria para sempre, desta forma, esta ação de solidariedade específica ao nascimento da Caritas em Portugal.” (ARSP)

“A ação da Caritas começou por se resumir ao transporte de crianças desnutridas de Viena para zonas rurais do país, e, só em 1947, se alargou a territórios além-fronteiras, seguindo os mesmos destinos dos transportes da Cruz Vermelha” (ARSP)

“Por intermédio da Caritas Portuguesa, milhares de crianças austríacas foram acolhidas em famílias portuguesas” (ARSP)



Grupo de crianças e acompanhantes à saída da estação ferroviária oeste de Viena, a 25 de abril de 1950

Fonte: Fotografia constante da exposição itinerante da Embaixada da Áustria em Lisboa

Ano	Bélgica	Holanda	Portugal	Espanha	Suíça	Luxemburgo	Itália	Alemanha	Total
1947		500	121		251	621			1.493
1948	1.486	2.064	1.486		928	618	349		6.931
1949	1.987	2.920	1.989	1.997	465	355	248		9.961
1950	1.145	2.081	1.172	1.133	435	202			6.168
1951	317		64	299	198	135			1.013
1952	689		234	132	371	89			1.515
1953	929		159	120	296	84		291	1.879
1954	1.246		92	70	222	79		244	1.953
1955	847	834	40	86	155	113		57	2.132
1956	765	769	45	76	80	105	33	30	1.903
1957	126	160				36			322
1958	411	471	231	37	49	126			1.325
Total	9.948	9.799	5.633	3.950	3.450	2.563	630	622	36.595

Crianças austríacas transportadas pela Caritas entre 1947 e 1958

Fonte: MAISEL-SCHULZ, 2010: 63

Portugal, País de Refúgio ou Ação Caritativa



Primeiro turno de crianças austríacas à partida de Lisboa
Fonte: «Sábado» (18 junho 2017)



Grupo do Clube dos Pequenos Portugueses em Viena
Fonte: «Visão História» (15 abril 2010), p. 88-89



Chegada de crianças austríacas a Portugal, em outubro de 1948.
Fonte: Imagem cedida pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo.



Malas e peluche transportados por Heidemarie Stubner
aquando da sua primeira viagem rumo a Portugal
Fonte: Col. privada de Heidemarie Stubner

Personallblatt des Kindes 8 1287

Familienname: SIMON Taufname: Gerhard
 Aufnahme des Kindes: Gerhard Adresse: 16, Admirensplatz 30/30
 Ort: Wien Ort und Datum der Geburt: Wien am 11.7.1939
 Schule: 1880a Welche Klasse?: 1A Religion: kein Kath.
 Ist es getauft?: ja In welcher Pfarre?: Mariahilf
 Besucht es die Vorbereitung zur Erstkommunion?: nein
 Empfängt es die Sakramente?: ja Beichte?: ja Kommunion?: ja
 Urteil über moralischen und geistigen Wert des Kindes:
 sehr gut
 Mitteilung des Lehrers oder der Lehrerin:
 Anmerkung über den Charakter des Kindes:
 sehr gut mit
 Wie soll es behandelt werden?: streng zu sein
 Name und Beruf der Väter:
 Name und Beruf der Mütter:
 Familienmitglieder in Bezug auf Einkommen:
 Familienmitglieder in Bezug auf Sozialstellung:
 Familienmitglieder in Bezug auf Handl.:
 Anzahl der Geschwister und deren Alter:
 Besondere Bemerkungen:
 * Nichtaufzählendes ist zu streichen.
 Unterschrift des Vaters oder der Mutter:
 Bestätigung des Familienmitgliedes oder Vormannes:
 Ich Unterzeichneter:
 wohnt in:
 Ich sehe an, daß mein Sohn/gernein Kind zu einem Aufenthalt von:
 Familien- und Taufname des Kindes:
 Ort und Datum der Geburt:
 Ich sehe an, soweit die Vorschriften des Werkes zur Kenntnis und Übergabe dessen, die es in Empfang nehmen werden, soweit es notwendig sein wird, meine väterliche Autorität.
 Unterschrift der Eltern oder des Vormannes:
 Datum: 17. Okt. 1947

Ficha de identificação de Simon Gerhard.
Arquivo Histórico da Caritas Portuguesa, 200 / 28b.

“Entre as mais de 5.000 crianças de várias nacionalidades acolhidas, através da Caritas, em Portugal, entre 1946 e 1958, no âmbito desta ação, destacaram-se as austríacas, que, em parte porque mais numerosas, continuam até hoje a habitar o imaginário de muitos.” (ARSP)

“ Vieram maioritariamente crianças do sexo feminino, entre 6 e 11 anos de idade, aquando do primeiro transporte, mais de 70% originárias de Viena, selecionadas segundo critérios de idade, condição de saúde e nível sócio económico, sendo as provenientes de famílias numerosas e/ou (parcial ou totalmente) órfãs privilegiadas” (ARSP)

“As primeiras viagens realizaram-se de comboio até Zurique e depois de avião até Lisboa, demorando dois dias. Numa segunda fase, os transportes passam a realizar-se, de comboio até Génova e, dali, de navio até Lisboa. As viagens de comboio duravam dia e meio, a que se somavam quatro dias mais de navio. Na terceira fase, a mais duradoura, realizou-se exclusivamente de comboio.

Os transportes demoravam uma semana, incluindo troca de comboio na fronteira francesa e eram efetuados em condições geralmente recordadas como “horribéis” pela maioria das testemunhas que as viveram.” (ARSP)

“Para se inscreverem, as famílias preenchiam um boletim em que indicavam preferências. Maioritariamente as preferências passavam por uma criança do sexo feminino, italiana/austríaca/francesa, para uma estadia de 6 a 8 meses. Alguns comentários, ainda que raros, indicavam preferência, por exemplo, por uma criança de “classe social não muito baixa”. A maioria dos candidatos aprovados tinham entre 40-60 anos, era casada (muitas mulheres candidatas), pertencia a uma elite profissional, era católica ou tinha boas relações com a Igreja Católica.” (ARSP) “As estadias deveriam durar no máximo entre seis e oito meses, sendo que eram muitas vezes prolongadas devido a dificuldades organizacionais, ou mútuo acordo entre famílias. O regresso coincidia geralmente com a vinda de um

novo transporte. A Caritas informava as famílias das datas e preparativos necessários, incluindo o transporte de malas, geralmente tantas que, por vezes, tinham que seguir noutros comboios, sendo que as crianças chegavam com pouco mais que a roupa do corpo e partiam com muito mais do que aquilo que podiam transportar.” (ARSP)

“Para as famílias de acolhimento, a partida era especialmente dolorosa. Para as crianças não era mais fácil, pois, além das despedidas, tinham que lidar com nova viagem e uma longa readaptação ao país de origem.

“Para boa parte das crianças, a manutenção do contacto com Portugal revelar-se-ia essencial, pelo que a Caritas procurou mantê-lo através de várias iniciativas: criando um grupo de encontro em Viena, ainda que outros viessem a surgir noutras partes da Áustria. Em 2021 são cerca de 30 as “crianças Caritas” austríacas que residem em Portugal.” (ARSP)

Participação de Famalicão nesta iniciativa:

“(…) A zona onde vivia era de campos férteis e com produtos, por isso não havia grande dificuldade em obter alimentos, mas o pior sítio foi em Viena. As crianças e pessoas adultas passavam fome, os bebés morriam e para receber um pouco de alimento tinham que trabalhar e remover as grandes e pesadas pedras dos bombardeamentos, visto que Viena foi muito destruída”

[Matilde Dias Costa, (09/07/2020), entrevista.]

Os famalicenses cientes das dificuldades que alguns países da Europa atravessavam na sua reconstrução após a II Guerra Mundial, não ficaram indiferentes ao apelo lançado pela Cáritas Austríaca à ajuda humanitária internacional. Das, aproximadamente, 5000 crianças que foram acolhidas em Portugal, entre 1947 e 1958, cerca de 50 foram recebidas por várias famílias do concelho de Vila Nova de Famalicão, através da diocese de Braga. De Mouquim a Calendário, de Telhado a Joane, de Requião a Famalicão, os famalicenses abriram as portas de suas casas e acolheram no seio das suas famílias não só crianças provenientes da Áustria como também da Alemanha e da França.

Nos documentos que serviram de base para organizar os processos individuais eram apontadas as diferentes dificuldades que cada criança atravessava no seu país de origem.

“A minha mãe ficou viúva, por volta dos 22 anos, pois o meu pai morreu na batalha de Estalinegrado, em abril de 1944”.

[Matilde Dias Costa, (09/07/2020), entrevista.]

Apelido da família de acolhimento	Nome	Local	Apelido da criança	Nome	Data de nascimento	País de origem	Local de origem	Ano de acolhimento
	Alberto	Famalicão	Kapetzky	Edith		Austria		1949
Araújo	Joaquim	Famalicão	Hesef	Helga		Austria		1949
Assunção	Manuel	Joane	Humpeltec	Herta		Austria		1949
Elias	Manuel	Famalicão	Sweboda	Hermine		Austria		1948
Barbosa	Manuel	Famalicão	Santner	Annelise	1942.05.29	Austria	Viena	
Baserra	Manuel Alves Carneiro	Calendário	Simon	Gerhard	1939.02.11	Austria	Viena	1950
Cancela	Américo	Famalicão	Pegrin	Stefan		Austria		1948
Cardoso	José Lopes	Famalicão	Lebris	Pierre		França		1948
Carneiro	José	Requião	Mottausch	Annermarie Auguste		Austria	Viena	1949 1950
Carvalho	Ruben	Santiago da Cruz	Hannelore	Mulbert		Austria		1950
Carvalho	José A.	Famalicão	Helfert	Helga		Austria		1949
Castro	Hilário	Famalicão	Stahl	Margot		Austria		1948
Fernandes	José	Famalicão	Hack	Leopoldine		Austria		1950
Fernandes	Luis Alves	Carreira	Smokal	Helmut	1941.03.14	Austria	Viena	1949
Gonçalves	Clemente	Famalicão	Pleichner	Adolf		Austria		1950
Gonçalves	Deolinda Sá	Louro	Fasold	Helmut		Austria		1948
Gonçalves	Raul	Famalicão	Bonifahrt	Anne		Austria		1950
Guimarães	Jaime da Cunha	Pedome	Knöbl	Frieda		Austria		1949
Horácio	José	Mouquim	Maver	Gertraud		Austria		1949
Lacerda	José	Famalicão	Kull	Leopold		Austria		1949
Machado	José	Famalicão	Koff	Gerhard		Austria		1949
Machado	Maria Soares	Famalicão	Geringer	Edeltraud		Austria		1949
Malheiro	António	Famalicão	Smolk	Hermine		Austria		1948
Malheiro	Clemente	Famalicão	Lindockers	Ingrid		Alemanha		1948
			Saip	Wilhelm		Austria		1948
			Kuip	Helena		Austria		
				Gisella(Gusi)		Austria		1950
Marques	Álvaro Foidelada	Famalicão		Rudolphine (Rudy)		Austria		1950
						Austria		1948
Mendes	José	Famalicão	Koriota	Renate		Austria		1948
Mesquita	Ernesto	Famalicão	Louffhette	Heinz		Alemanha		1948
Mesquita	Francisco	Famalicão	Elles	Evelyne		Austria		
Mosqueiros	Casa	Famalicão	Hoardlek	Lieselde		Austria		1948
Oliveira	Ermelinda Ferreira	Calendário	Krapac	Heinz		Austria	Viena	1949
				Werner				
Oliveira	José	Famalicão	Sauer	Wilfried		Austria		1950
Ortigo	Jaime	Famalicão	Brandtmayer	Horst		Austria		1950
	Hermegildo	Famalicão	Ostroznik	Rita		Alemanha		1948
Rainhe		Famalicão	Grahsner	Hertha		Austria		1948
Salazar	Maria Alves	Famalicão	Bonneau	André		França		1948
Salazar	Maria	Famalicão	Holenika	Helmut		Austria		1948
Santos	Maria Augusta	Famalicão	Greco	Colotte		França		1948
				Jacqueline				
Soares	João Pereira	Calendário	Sablatnig	Alois		Austria	Viena	1948
Telhado	Pároco Avelino Afonso Barreiro	Famalicão	Fischer	Doris		Austria		1949
Trindade			Pollak	Inge	1940.02.28	Austria	Viena	1948
Velloso	Padre Augusto Ferreira	Famalicão	Zadrava	Johann	1942.05.01	Austria	Viena	1948
	Maria Conceição	Famalicão	Reinhard	Maria		Austria		1950

REGISTO DAS FAMÍLIAS DE ACOLHIMENTO E DAS CRIANÇAS

Fonte: Arquivo Histórico da Cáritas Portuguesa e dados completados posteriormente através de depoimentos de famalicenses efetuados por: FERREIRA, A.; LOPES, F. (2020/2021).

"(...) vim para Portugal com 4 anos (em 1949) porque ouvi num programa da rádio que estavam a acolher crianças em países onde não tinha havido guerra. Pedi muito à minha mãe para me deixar vir e depois trouxeram-me para Portugal".

[Annemarie Mattausch (06/07/2021), depoimento a Eugénia Guimarães, neta de José Pereira Alves Carneiro]

"Foi através do padre da paróquia em Viena que a Cáritas da Áustria encaminhou-me para Portugal. Quando cheguei tinha 7 anos pesava apenas 16 kg".

[Helene Kupetz, (16/09/2020), depoimento.]

"Primeiro o meu irmão veio para Espanha e eu, com 9 anos, vim para Portugal juntamente com outras crianças.

[Matilde Dias Costa, (09/07/2020), entrevista.]



Gisella (Guisi)

Crianças acolhidas pela família de Álvaro Marques, in Arquivo particular da família de Álvaro Marques.



Rudolphine (Rudy)

Crianças acolhidas pela família de Álvaro Marques, in Arquivo particular da família de Álvaro Marques.



Evelynne Elles

Criança acolhida pela família de Francisco de Mesquita, in Arquivo particular da família de Francisco Mesquita Júnior.



Mayer Gertraud

Criança acolhida pela família de José Horácio, in Arquivo Histórico da Cáritas Portuguesa.



Hannelore Mulbert

Criança acolhida pela família de Rúben Carvalho, in Arquivo particular da família de Rúben Carvalho.



Simon Gerhard

Criança acolhida pela família Manuel Bezerra, in Arquivo Histórico da Cáritas Portuguesa.



Margot Stohl

Criança acolhida pela família de Hilário Souto Castro, in Arquivo particular da família de Hilário Souto Castro.



Annemarie Mattausch

Criança acolhida pela família de José Pereira Alves Carneiro, in Arquivo Histórico da Cáritas Portuguesa.



Matilde Stadler

Criança acolhida pela família de António e Lúcia Silva - Castelo de Vide, in Arquivo particular da família de Matilde Dias Costa.

O acompanhamento da Cáritas garantia, geralmente, que a comunicação com a família biológica era estabelecida durante os 6 a 8 meses de estadia prevista, que muitas vezes se esticavam em alguns mais. Durante o período em que as Crianças estiveram no concelho de Vila Nova de Famalicão, apesar da Cáritas Portuguesa as acompanhar por meio de relatórios periódicos e estabelecer a necessária ponte com as famílias, ao informar os seus pais do seu estado em geral, as notícias eram ansiosamente esperadas.



Grupo de crianças em Portugal com o cartão de identificação ao pescoço e uma braçadeira na qual se lê o início da palavra Braga.

Arquivo particular da família de Hilário Souto Castro.



Evelyne Elles com Francisco Mesquita, Sofia Mesquita Feio e uma amiga da família no Bom Jesus, em 1958.

Arquivo particular da família de Francisco Mesquita Júnior.



Hannelore Mulbert com a "mãe de acolhimento", em 1950

Arquivo particular da família de Rúben Carvalho.



Matilde Stadler (Dias Costa) com os "pais de acolhimento"

António e Lúcia Silva - Castelo de Vide

arquivo particular da família de Matilde Dias Costa.



Gisella (Guisi) e Rudolphine (Rudy) com a "irmã de acolhimento", Adriana Marques.

arquivo particular da família de Álvaro Marques.

"Com a chegada a Lisboa de barco, fiquei encantada, pois era uma cidade lindíssima, toda branca, bem tratada, achei uma beleza e pensei que gostaria de ficar aqui para sempre".

[Matilde Dias Costa, (09/07/2020), entrevista.]

"Fomos acolhidos no Mosteiro dos Jerónimos e cada um tinha um cordão com o seu nome. Fomos ao Jardim Zoológico e visitamos um pouco da cidade".

[Matilde Dias Costa, (09/07/2020), entrevista.]

"Fui atribuída a uma família de lavradores que não compareceram e o Clemente e a Armanda Malheiro acolheram-me. Mas, como adoeci, e após ter sido tratada pelo dr. Malvar, permaneci na família juntamente com o Wilhelm (alemão) e a Susana, duas outras crianças, que também tinham sido acolhidas pela família Malheiro".

[Helene Kupetz, (16/09/2020), depoimento.]

"Em 1950 o meu avô [Álvaro Marques] foi a Braga, receber uma das crianças trazidas pela Cáritas para serem acolhidas por famílias portuguesas.

Mas, perante o choro incessante de uma outra menina, a Gisella, conhecida por Guise, pois iria ficar separada da sua irmã (Rudolphine ou Rudy), o meu avô abordou o meu pai [Álvaro Gil] e as duas crianças vieram para Famalicão, uma para casa do meu avô, outra para nossa casa".

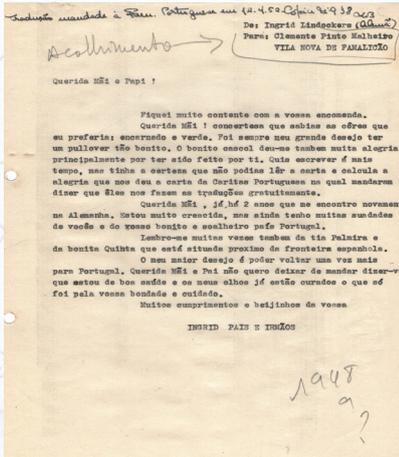
[Adriana Marques, (14/09/2020), depoimento.]

"Saí do meu país de comboio e depois em Génova vim de barco para Portugal. Quando cheguei a Braga num comboio grande cheio de crianças...o «papá e a mamã» [José Pereira Alves Carneiro e Ernestina Alves Correia de Araújo] tinham dado o nome à Cáritas para me acolherem (...) depois fui de carro para casa do "papá e da mamã" que me foram buscar a Braga (...)"

[Annemarie Mattausch (06/07/2021), depoimento a Eugénia Guimarães, neta de José Pereira Alves Carneiro]

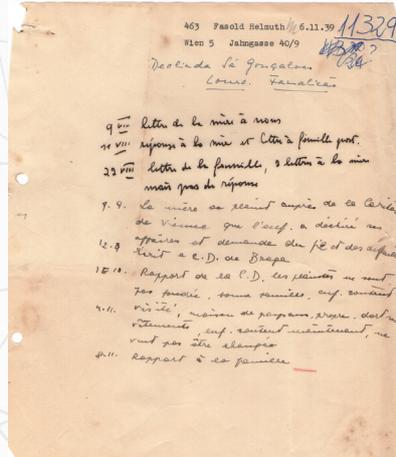


Álvaro Marques com uma das meninas acolhidas



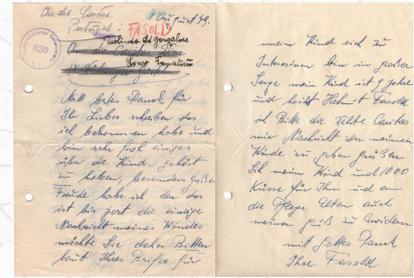
Carta de Ingrid Lindockers a Clemente Malheiro.

Arquivo Histórico da Cáritas Portuguesa, correspondência - Clemente Malheiro - 213/58c



Relatório da Cáritas

Arquivo Histórico da Cáritas Portuguesa, 164/18a.



1.08.1949

Muito obrigado pela amável carta que recebi e estou muito feliz por ter sabido das crianças, especialmente porque esta é a única notícia do meu filho até agora.

Estou muito preocupado, o meu filho tem 9 anos e o seu nome ser Helmut Fashol, peço por favor à Cáritas Mundial que me dê notícias do meu filho.

Mando ao meu filho 1000 beijos para ele e a vós, pais atenciosos, também as minhas saudações.

Com os agradecimentos de Deus.

Carta da família de Helmut Fashol à Cáritas Portuguesa, 1 de agosto de 1949.

Arquivo Histórico da Cáritas Portuguesa, correspondência - Declinda Sá Gonçalves - 164/18d e 164/18e.

Os primeiros momentos de tristeza, de saudades dos seus e das dificuldades de comunicação seriam rapidamente superados pela maioria, graças à natural facilidade de aprendizagem das crianças e às relações desenvolvidas nas comunidades de acolhimento ou frequentando escolas. Assim como, no tempo de escola, as brincadeiras com as crianças portuguesas fortaleceram relações de amizade e facilitaram a aprendizagem da língua portuguesa.

“Estive um ano em Portugal e consegui inicialmente comunicar pois, junto da casa dos Malheiros, havia uma pensão onde estava hospedado um senhor que falava alemão, mas tinha muitas saudades da minha mãe”.

[Helene Kupetz, (16/09/2020), depoimento.]

“Durante o tempo que a Hannelore esteve connosco foi a minha companhia de todas as brincadeiras, pois os meus irmãos eram mais velhos 13 e 15 anos. Recordo-me que nos primeiros dias quando ouvia um avião ficava muito assustada”.

[Maria Alberta Bacelar, (4/09/2020), depoimento.]

“Frequentei a escola em Requião e aprendi a falar e escrever português”. [Annemarie Mattausch (06/07/2021), depoimento a Eugénia Guimarães, neta de José Pereira Alves Carneiro]



Hannelore com a sua "irmã de acolhimento", Maria Alberta Bacelar, nas proximidades da Igreja de Santiago da Cruz.



Margot Stohl disfarçada de sevilhana.

Arquivo particular da família de Hilário Souto Castro.



Hannelore com Doris Maria Fisher, acolhida pelo Pároco de Telhado e a Chrysti, acolhida por uma família de Celeirós e a "irmã portuguesa", Maria Alberta Bacelar, na Póvoa de Varzim, 1950.

Arquivo particular da família de Rúben Carvalho.

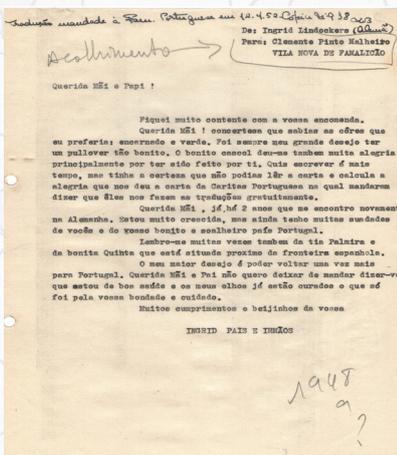


Hannelore com a irmã de acolhimento, Maria Alberta Bacelar. Arquivo particular da família de Rúben Carvalho.

"Fazíamos praia na Póvoa do Varzim e aí também estavam outras crianças, como a Doris Maria Fisher, acolhida pelo Pároco de Telhado e a Chrysti, acolhida por uma família de Celeirós. A Doris passava muitos fins de semana na nossa casa, em Rivela, pois a minha tia, Maria Celestina Azevedo Carvalho, dava aulas em Telhado e trazia-a".
[Maria Alberta Bacelar, (4/09/2020), depoimento.]

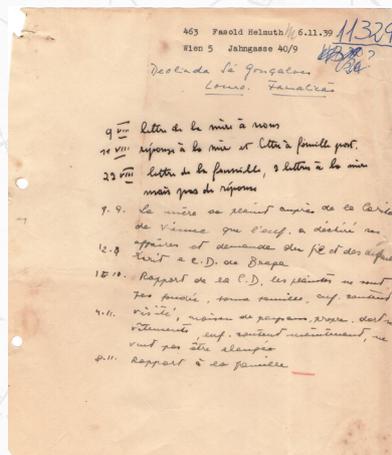
"Uma das memórias que os meus pais me contaram foi que na primeira refeição em casa do meu avô foi cozido de peixe e quando elas viram o azeite, fizeram "má cara" e afastaram o azeite para o lado, mas passados 11 meses, adoravam colocar azeite em tudo".
[Adriana Marques, (14/09/2020), depoimento.]

Das dificuldades em adaptarem-se ao novo meio destacam a alimentação pois se por um lado as laranjas as fascinaram, por outro o azeite, tão utilizado na cozinha portuguesa, era inicialmente afastado e por vezes causa de mau estar.



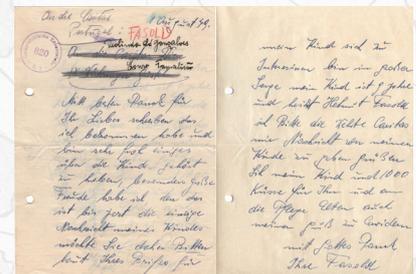
Carta de Ingrid Lindockers a Clemente Malheiro.

Arquivo Histórico da Cáritas Portuguesa, correspondência - Clemente Malheiro - 213/58c.



Relatório da Cáritas

Arquivo Histórico da Cáritas Portuguesa, 164/18a.



108.1949

Muito obrigado pela amável carta que recebi e estou muito feliz por ter sabido das crianças, especialmente porque esta é a única notícia do meu filho até agora.

Estou muito preocupado, o meu filho tem 9 anos e o seu nome ser Helmut Fashol, peço por favor à Cáritas Mundial que me dê notícias do meu filho.

Mando ao meu filho 1000 beijos para ele e a vós, pais atenciosos, também as minhas saudações.

Com os agradecimentos de Deus".

Carta da família de Helmut Fashol à Cáritas Portuguesa, 1 de agosto de 1949.

Arquivo Histórico da Cáritas Portuguesa, correspondência - Deolinda Sá Gonçalves - 164/18d e 164/18e.

Após meses em Portugal, o regresso das crianças aos seus países de origem era preparado cuidadosamente com as famílias de acolhimento seguindo orientações da Cáritas Portuguesa.

A deslocação a Portugal de muitas destas crianças manteve-se ao longo dos anos, assim como, a visita dos familiares de acolhimento às mesmas na sua terra natal aconteceu com regularidade, o que permitiu manter uma relação de proximidade, fortalecida por laços de amizade e saudade.

Os contactos ao longo dos anos cruzaram-se com as gerações seguintes, mesmo após o falecimento daqueles que deram o seu contributo neste singular ato de consciência de ajuda humanitária.



Hannelore Mulbert com a família de acolhimento, aquando do regresso a Santiago da Cruz em 1954.

Arquivo particular da família de Rúben Carvalho.



Adriana Marques em Viena com Rudolphine (Rudy) e Gisella (Guis).

Arquivo particular da família de Álvaro Marques



Rudolphine (Rudy) em V. N. de Famalicão com Adriana Marques.

Arquivo particular da família de Álvaro Marques



Hannelore Mulbert numa das visitas a Santiago da Cruz, em 1954

Arquivo particular da família de Rúben Carvalho.

“Foi na Póvoa de Varzim, em 1957 que conheci o Miguel Dias Costa com quem viria a casar em 1962 e ao mudar-me definitivamente para Famalicão, os meus “pais” de acolhimento também resolveram mais tarde sair de Castelo de Vide e viver em Vila Nova de Famalicão”.

[Matilde Dias Costa, (09/07/2020), entrevista.]

“Não só as visitei na Áustria, como passados anos uma das minhas sobrinhas e a minha filha quando foram a Viena ficaram em casa da Rudy assim como, por várias vezes, a Rudy regressou a Famalicão”.

[Adriana Marques, (14/09/2020), depoimento.]

“Com a Helene todos mantemos o contacto, a Helene [Kupetz] é uma pessoa da família”

[Francisco Carvalho, (26/09/2020), depoimento.]

FICHA TÉCNICA

Ana Regina Pinho (CITCEM - FLUP)

Arminda Ferreira (CMVNF)

Filipa Sousa Lopes (IHC - NOVA FCSH / IN2PAST)

Luís Alberto Alves (CITCEM - FLUP)



"De FAMALICÃO
para o Mundo:
Contributos da
História Local"

